

# Leonor Baldaque – artista portuguesa que canta em inglês e escreve em francês dá concerto no Porto em fevereiro

written by Alberto Jorge Santos | 29 de Janeiro, 2024



*“Nunca tomei qualquer “decisão profissional”, a não ser dizer “não”, quando achava que a vida da minha alma estava em jogo. Tudo o resto, foi seguir o que chamava por mim, uma vida de artista, procura de liberdade, escrita, Arte. Com todas as alegrias e todos os sacrifícios que isso implica.”*

Foi desta forma que a cantautora, **Leonor Baldaque**, respondeu

quando a questionámos se o facto de ter nascido numa família virada para as artes – a sua é avó é Agustina Bessa- Luís – pesou nas decisões profissionais que tomou.

A maturidade e a personalidade de Leonor, não enganam. Respira arte. Construiu sozinha, fora do país, a sua carreira. Por cá, só a universidade e os filmes de Oliveira – e foram 12 ! – o resto, música e escrita, por aí, pelo mundo.

***“Vivi em Paris, Roma, durante quatro anos, e voltei a Paris onde resido atualmente”***

Por ser neta de quem é, pode ficar a ideia de que Leonor Baldaque já tinha a carreira feita e encomendada. Mas não foi assim. De Agustina, recorda bons momentos familiares e pouco mais.

***“Era a minha avó...Trabalhava muito! Íamos todos os anos de férias para o sudoeste francês. Um mês inteiro. Era tão bonito. E o meu avô oferecia-me livros”***

Quer queira quer não, teve uma magnífica herança da avó...

***“Comecei a escrever muito nova. Lembro-me de ter uma prática de escrita desde cedo. Senti sempre que a minha vida ia ligar-se às artes. A escrita foi a primeira, a seguir o cinema... já nessa altura estava a estudar teatro e dança. E também violoncelo. Adorava desenhar!”***

Por que deixou o violoncelo, que começou aos 12 anos?

***“Deixei aos 18 anos. Deixei por completo porque comecei a fazer cinema e tinha a universidade. Tinha chegado ao ponto em que uma pessoa sente, ou se torna profissional, ou não terá o gozo que poderia ter. Eu gostava muito de violoncelo, mas sentia que não queria ser instrumentista numa orquestra. Nem professora. Então, continuei a procurar...”***



Leonor Baldaque/Direitos Reservados

## Manoel de Oliveira

A música, a representação, a escrita. Uma continuidade artística?

***“Uma continuidade, sem dúvida. Eu sou, acima de tudo, uma pessoa que escreve. Uma escritora, se quiser. Eu sou uma artista que escreve. E, a partir da palavra, do meu amor pelas palavras, pelo dizer, surge o resto.”***

Leonor Baldaque, artista multifacetada. Que não decidiu, na maior parte das vezes, quando terminar e o que iniciar. O acaso em movimento.

***“O acaso, sempre o acaso, ou melhor, ouvir o que me chamava. É isso. Estar atenta e ouvir. E não fechar os ouvidos ao que nos chama. Isso é a parte mais difícil e mais bonita. E querer viver um certo tipo de vida. Por exemplo, cantar e compor surgiu uma noite de outono, em Paris, no meu quarto. Estava a tocar uns acordes no “ukulele”. E comecei a cantar.***

Todos os temas que vai apresentar-nos ao vivo são escritos e compostos por si.

O cinema e Manoel de Oliveira tornaram-se um marco muito importante na sua vida. Como surgiu a oportunidade de fazer cinema?

***“Um dia estava a assistir a uma conferência e o Manoel olhou***

*para mim e disse: queres entrar num filme? Foi assim.*

E foram 12 filmes com o “mestre”. Uma experiência inesquecível.

*“Foi um sonho. Uma escola, um encontro, filmagens inesquecíveis. Muito importantes do ponto de vista humano. As pessoas, as viagens. O Manoel. Víamo-nos muito também em Paris, onde eu já vivia. O Manoel passava lá muito tempo a montar. Foi o primeiro homem que pegou na minha mão e, como diria o Régio, grande amigo seu: “Vem por aqui.”*

## **As línguas**

Leonor nasceu no Porto, em 1978; saiu de Portugal quando terminou a Faculdade. Tinha 22 anos. Destino: Paris.

*“Saí logo a seguir à faculdade. Fui para Paris. Depois para Roma, onde estive quatro anos. Depois, novamente Paris. Estou sempre a mudar de casa. A minha única amarra verdadeira é a escrita e, agora, a guitarra. Sempre vivi da e para a Arte.*

Portugal, principalmente para quem está ligado profissionalmente às atividades criativas e artísticas, não é um lugar fácil. E muitos optam por ir embora, à procura de melhores condições e oportunidades. No caso de Leonor Baldaque, é curiosa a explicação do motivo que a levou a abandonar Portugal.

*“Eu saí quando percebi que não ia encontrar um homem que aceitasse a minha necessidade de liberdade e a vida de artista. Foi assim. Talvez existisse, não sei. Eu não encontrei. Mas adorava Paris. Principalmente, ser mulher em Paris. É maravilhoso. Apesar de todos os problemas que existem, de prepotência, abuso do poder e violência há, também, muitos homens evoluídos. Talvez em Portugal também haja, claro. Mas é um prazer imenso ser mulher em Paris. Os cafés, as conversas com homens – e mulheres – que liberdade, que respeito, que igualdade. A troca de saber. Foi o que mais me agradou em Paris. A circulação do saber nesse mundo artístico de esquerda. O saber circula, tenta criar uma sociedade livre. É inebriante. “*

Escreve em francês e canta em inglês. Mas não tem qualquer má vontade em relação ao português. Apenas uma questão de identidade.

***“São as línguas que vêm ao meu encontro. Sonho em francês, leio muito em inglês. Vivi histórias de amor em outras línguas e isso determina quase tudo. E tenho uma atração sem limites pelo que é estrangeiro. Pelo outro. Pelo que não sou eu. Como se o português, língua tão bonita, fosse demasiado familiar. Habitualmente, não falo português e isso tem influência. Mas gosto muito da língua portuguesa. E de ler autores portugueses, em português. Gosto muito da prosa do Padre António Vieira.”***

A determinação o foco no que é importante definiram o percurso da artista. Nem todos conseguiriam. Principalmente portugueses, para quem a palavra saudade está sempre no coração e na ponta da língua.

***“Eu não ligo à saudade. Estou sempre a olhar para a frente. Também porque estou sempre a apaixonar-me e há tantas coisas por descobrir! Foi difícil o início, sim, mas não trocaria por nada.”***

## **Ao vivo**

Que expectativas para os concertos ao vivo em grandes salas?

***“Fazer bem o meu trabalho. Estar presente. Como num filme. Ouve-se “ação” e temos de estar presentes. Além disso, estou muito feliz. É um prazer sem limites transmitir a nossa Arte. E estar com o público. Que descoberta! O cinema é tão distante. Adorei, mas é outra Arte.”***

*“Few Dates of Love”, “This is Where”, “My New Drink”. Melodia, muita melodia e palavras. Três dos principais temas de Leonor Baldaque. Uma fusão de estilos. Um “mix” que funciona na perfeição. Um estilo que não escolheu, mas que convence.*

***“Adoro blues. Adoro os primórdios da folk. Adoro Lightnin’ Hopkins. E Cohen, Dylan, claro. Gosto de coisas muito diversas. De Mahler. De jazz. De Kate Bush ou PJ Harvey. Ouvi***

*e ouço muita música diferente. E acho que a “escolha” do meu estilo, se lhe quiser chamar assim, surgiu do que eu tinha a dizer. Mais do que qualquer outra coisa, como se o que eu tinha a dizer encontrasse o estilo adequado.”*

E a seguir, o que podemos esperar?

*“Tenho de acabar o terceiro romance para a minha editora francesa que, felizmente, gosta das minhas canções e perdoa-me o atraso. Estou também muito contente, pois o meu segundo romance foi traduzido para português e sai ainda este ano em Portugal.”*